



Editorial

A redução das desigualdades como aprendizado perene da pandemia

Luiz Caldeira Brant de Tolentino Neto

Departamento de Metodologia do Ensino

Centro de Educação - Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: luiz.neto@uol.com.br

Escrever sobre os efeitos de dois anos de pandemia na educação é uma tarefa arriscada. Primeiro porque a doença é, além de perversa, persistente, não se dá por vencida frente aos recordes e avanços históricos da ciência. Segundo porque muito do que se escreveu precisou ser corrigido, muito do que se previu veio abaixo e acumulam-se engenheiros de obra pronta, profetas do passado, mensageiros do óbvio. Sigo adiante para atender a um gentil convite, também porque vejo importância nos registros históricos deste momento e porque evitar os riscos pode parecer omissão ou descaso.

Coloco-me na posição de professor da educação superior dedicada aos estudos do ofício docente, das políticas públicas e da educação científica - tento deixar de lado, ainda que seja impossível, meu viés de pai de estudantes da educação básica e superior.

A educação não parou durante os anos de 2020 e 2021. Institucionalizada nas creches, escolas, faculdades e universidades, a educação se revelou o último ponto de resistência às marés de decisões políticas confusas, ao abre-e-fecha e aos protocolos para inglês ver. Os museus levaram seus acervos e atividades para dentro das casas dos visitantes. As agências regulatórias e centros de pesquisa tornaram-se protagonistas nos noticiários e até nos tribunais. Tudo isso é educação que, sem ignorar os problemas expostos e ampliados pela pandemia, seguiu firme.

Nas universidades, sobretudo nas públicas, houve uma reorientação dos prumos de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Prevaleceu o cuidado com os atropelos, evitaram-se as posturas oportunistas e “urgentistas” e, sobretudo, combateram-se as balas de prata que surgiram dos menos comprometidos.

Em isolamento ou distanciamento, as aulas passaram a ser ministradas com suporte das tecnologias, muitas pesquisas migraram das bancadas para as bibliotecas virtuais e as ações para e com a comunidade ganharam dimensão e relevância inéditas.

As fragilidades sociais evidenciaram-se, expondo as desigualdades e os problemas sistêmicos e estruturais do nosso país. Descobrimos que a *internet* não é acessível e democrática, que nossos jovens não são tão familiarizados com a tecnologia como imaginávamos.

Muitos estudantes da UFSM, de todos os níveis de ensino, retornaram às suas cidades tanto para estarem mais próximos dos familiares quanto para reduzirem os custos de moradia. As condições para o estudo, no entanto, nem sempre foram garantidas, seja pela indisponibilidade de equipamentos e conexão, seja pela própria rotina - muitas vezes de trabalho e cuidado familiar. Trazer esses milhares de estudantes de volta à rotina de um calendário acadêmico presencial é uma decisão complexa e a prudência foi a melhor aliada dos gestores nesse período. O que seria do sistema de saúde da cidade com o retorno de 15 ou 20 mil jovens? Quais os impactos de um eventual segundo cancelamento das atividades no *campus*?

As atividades de pesquisa foram sensivelmente comprometidas. A diminuição dos investimentos federais, que vinha ocorrendo de forma gradual e constante, tornou-se radical e

interrompeu o desenvolvimento de várias pesquisas. Muitas delas, no entanto, permanecem em curso graças ao empenho, à solidariedade, à resiliência e às boas doses de criatividade e dinamismo de pesquisadores, bolsistas e voluntários.

As ações extensionistas das instituições de ensino superior ganharam relevo nesse período pandêmico. Hospitais e laboratórios universitários sempre foram referências em situações críticas. Entretanto outras atividades mostraram-se especialmente valorizadas, como a divulgação científica, a participação ativa de pesquisadores nas redes de informação à população - na desconstrução das notícias falsas... -, o posicionamento das entidades científicas na condução do combate à pandemia, a produção e difusão de recursos educacionais para estudantes da rede básica, são apenas alguns exemplos.

Recuso-me a dizer que há um “lado bom da pandemia”, mas espero e trabalho para que estas ações se mantenham e se intensifiquem em períodos menos tensos e tristes de nossa história. Certamente haverá a incorporação de algumas mudanças, como um formato de estudos híbrido, com maior flexibilidade curricular e de calendário. Anseio também por uma real valorização do trabalho do professor, profissional que dedicou seus esforços à garantia da saúde física e emocional dos alunos e de seus familiares, que projeta o seu trabalho nos próximos anos como central na reconstrução dos caminhos para nosso futuro, tanto no campo educacional quanto social e democrático.

Uma pitada de ingenuidade me permite sonhar com gerações menos competitivas e mais colaborativas, com a ciência e a docência valorizadas, com brasileiros mais solidários e tolerantes. Também me esforço para que tenhamos novos indicadores de qualidade educacionais surgidos com os novos paradigmas que a pandemia da COVID nos trouxe. Indicadores que não apenas revelem, mas que estimulem o combate às desigualdades de oportunidades, que desconstruam o conceito acrítico de meritocracia e que nos levem a uma sociedade mais justa, mais civilizada e humanizada.